

O CAMPO EPISTEMOLÓGICO DA PULSÃO DE MORTE: UM DEBATE ENTRE PSICANÁLISE, CIÊNCIA E FILOSOFIA DA MENTE

THE EPISTEMOLOGICAL FIELD OF THE DEATH DRIVE: A DEBATE BETWEEN PSYCHOANALYSIS, SCIENCE, AND THE PHILOSOPHY OF MIND

Claudia Pereira do Carmo Murta
Professora da Universidade Federal do Espírito Santo)

cmurta@terra.com.br
Jacir Silvio Sanson Júnior

RESUMO: Neste artigo, investigamos o tema da especificidade da pulsão na obra freudiana, percorrendo referências que atuam na configuração desse conceito, para se chegar ao momento de propor a ideia de que a teoria pulsional instaura, entre a especulação e a ciência, um novo campo epistemológico. Essa conclusão é construída com base nas características do dualismo cosmológico de Empédocles, que Freud importa a fim de tratar as pulsões de vida e de morte como forças não necessariamente antagônicas, mas que agem em conjunto, e também com base no paradigma científico vigente no século XIX, ao qual Freud adere, parcialmente, concebendo a relação entre as pulsões a partir das leis termodinâmicas de conservação e entropia. Isso nos possibilita abordar a questão sobre o advento da pulsão de morte na teoria freudiana, e analisá-la em função dos critérios de plausibilidade e verificação requeridos por certa exigência de cientificidade. A proposição da pulsão de morte é um marco na teoria pulsional, consolida a estrutura dualista dessa teoria, liberta o campo da ética do princípio de prazer e promove a abertura de uma zona epistemológica para se pensar as relações entre corpo e alma, o físico e o psíquico, o somático e o mental, seja em face da natureza e das vicissitudes da pulsão, como Freud a definiu, seja em decorrência das interpelações remetidas pelas neurociências.

PALAVRAS-CHAVE: Dualismo Pulsional. Pulsão de Vida. Pulsão de Morte. Sigmund Freud. Psicanálise.

ABSTRACT: In this paper, we investigate the theme of drive specificity in Freud's work, traversing through references that act in the configuration of this concept, to arrive at the moment of proposing the idea that the drive theory establishes, between speculation and science, a new epistemological field. This conclusion is constructed based on the characteristics of Empedocles' cosmological dualism, which Freud imports for treating the drives of life and death as forces that are not necessarily antagonistic, but that act together. The conclusion is also based on the scientific paradigm in force in the 19th century, to which Freud partially adheres, conceiving the relationship between the drives in terms of thermodynamic laws of conservation and entropy. This allows us to address the issue of the advent of the death drive in Freudian theory, and to analyze it in terms of the plausibility and verification criteria required by a certain scientific requirement. The proposal of the death drive is a milestone in drive theory, consolidating the dualistic structure of this theory, freeing the field of ethics from the pleasure principle, and promoting the opening of an epistemological zone for thinking about the relationships between body and soul, the physical and the psychical, the somatic and the mental, either in the face of nature and the vicissitudes of the drive, as Freud defined it, or as a result of the interpellations that come from the neurosciences.

KEYWORDS: Pulsional dualism. Life Drive. Death Drive. Sigmund Freud. Psychoanalysis.

A PROBLEMÁTICA DO DUALISMO PULSIONAL

É preciso sempre enfatizar que Freud se serve de um formato dualista para desenvolver a noção de pulsão, a fim de nesse molde enunciá-la em vários momentos de sua reelaboração teórica.

A primeira elaboração da pulsão é suscitada pelo enunciado poético de Schiller de que “são a fome e o amor que movem o mundo”. Com essa referência surge o dualismo pulsional entre as pulsões do ego, ou auto preservativas, e as pulsões sexuais. Segundo Freud (1992/1930, p. 113, tradução nossa)¹¹, em *O mal-estar na civilização*, “a fome podia ser considerada o substituto daquelas pulsões que querem conservar o indivíduo, enquanto o amor briga por alcançar objetos; sua função principal, favorecida de todas as maneiras pela natureza, é a conservação da espécie”. Uma das primeiras exemplificações dessa proposição se dá na formulação mítica da experiência de satisfação. Passemos a ela.

A experiência de satisfação é proposta por Freud da seguinte forma: primeiramente, há um bebê que sente os estímulos da fome e, diante desses, a única descarga disponível na estrutura inicial do bebê desamparado é o grito. No entanto, esse grito não dá conta de satisfazer aqueles estímulos que se mantêm constantes. Diante dessa situação, surge a necessidade de uma ação específica no mundo externo, isto é, a busca de algum objeto a fim de que a descarga do estímulo da fome possa ser efetivada. Mas, pela situação de desamparo em que o bebê se encontra diante do mundo torna-se necessário que algum outro execute a ação no mundo externo em seu favor, na oferta de alimento.

Assim, desde o início, a satisfação de um ser humano depende de um outro que faz a intermediação, pois o grito que faz a marcação da busca de um objeto é insuficiente para liberar a excitação constante. Dessa forma, os investimentos libidinais que se seguem são dirigidos ao intervalo que há entre alguém que trouxe o alimento e o próprio alimento. Como Freud (1992/1985, p. 362-363, grifos do autor) assimilou no *Projeto para uma psicologia*, a experiência de satisfação “[...] cobra assim a função secundária, extremamente importante, do *entendimento* (*Verständigung*; ou “comunicação”), e o desamparo inicial do ser humano é a *fonte primordial* de todos os

¹¹ Para atenuar o uso da advertência, informamos de uma só vez que todos os textos citados, oriundos de idioma estrangeiro, tal como consta na lista de referências, são resultado de nossa tradução livre. A consulta à obra de Freud utiliza a tradução castelhana e direta do alemão de José Luis Etcheverry, presente na coleção Amorrortu. O título das obras é enunciado em português, mas por vezes nomeado de forma abreviada.

motivos morais”.

O que primeiro se apresenta nesta construção freudiana é o bebê desamparado, sem estrutura montada para lidar com o mundo externo. Ponto base da teoria freudiana, que se dá através da constatação de que não há contato direto do aparelho psíquico com o mundo, e, por isso, a realidade externa deve ser transformada, com a finalidade de um aproveitamento psíquico. Sendo assim, o aparelho psíquico forma uma barreira para receber e transformar os estímulos externos. Há, contudo, uma forma de contato direto do organismo com os estímulos externos, a qual surge através das grandes invasões externas provocadoras de dor e trauma. A partir dessas grandes invasões, o aparelho psíquico pode se organizar para lidar com o estranho da dor.

Há também os estímulos internos dos quais é impossível a fuga, o que confere à pulsão uma de suas principais características. Não podendo fugir da pulsão, o aparelho psíquico aprende a lidar com a sua força constante para não ser destruído. Nas palavras freudianas, nesse fato “[...] reside a *mola pulsional* do mecanismo psíquico” (FREUD, 1992/1985, p. 360, grifos do autor).

É interessante que Freud tenha forjado a experiência de satisfação com o estímulo da fome. Quando o bebê apreende o alimento, extingue-se de certo modo a fome. Mas na medida em que seu estímulo é só temporariamente apaziguado, trata-se de uma experiência que presume, muito mais, a manutenção de uma insatisfação. Trata-se então de uma experiência onde se pode tematizar a questão do desejo, pois ela instaura no homem uma situação de demanda. Só que a demanda nunca se realiza numa totalidade, porque aponta para mais além e aquém do outro, produzindo efeitos mediante os quais podemos situar o lugar do desejo.

Nós, humanos, temos fome e sede de algo além do leite enquanto tal, pois o alimento nos é ofertado por alguém que deseja. É o desejo da mãe (ou qualquer outra pessoa que exerça essa função para o bebê) que marca o propósito de toda investida pulsional do ser humano. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1992/1905, p. 203) conclui que há bom fundamento para se conceber que “[...] o fato de a criança mamar do peito de sua mãe torna-se paradigmático para todo vínculo de amor. O encontro de objeto é propriamente um reencontro”. Em vários momentos, essa obra freudiana, que diz respeito ao campo da sexualidade, gira em torno da escolha objetual. A mãe emerge aí, segundo Freud (1992/1905, p. 204), fazendo nada mais do que o seu dever de ensinar seu filho a amar.

Os *Três ensaios*... são montados para esclarecer que o objeto de investimento

pulsional não é fixo. Assim sendo, Freud se detém longamente nas perversões sexuais e na sexualidade infantil.

A sexualidade adquire características revolucionárias na teorização freudiana. Para o fundador da Psicanálise, a sexualidade é pulsional, possibilitando que as características da pulsão sexual, ao aparecerem, não fiquem restritas ao domínio das relações genitais.

A grande revolução do pensamento de Freud é postular que o contato do ser humano com o mundo é intermediado pela via sexual. Isso é explicitado pelo fato de Freud não conceber um contato direto do ser humano com o que lhe é exterior, daí ser tão importante o aprendizado amoroso, possibilitado pelo desejo da mãe. E chega a cogitar ser “possível que no organismo não ocorra nada de certa importância que não ceda seus componentes à excitação da pulsão sexual” (FREUD, 1992/1905, p. 186). Isso sugere que embora Freud tenha sustentado o dualismo pulsional, ou seja, que algo escape à sexualidade, as duas classes de pulsões não agem de maneira dicotômica ou de forma mutuamente excludente, o que explicitaremos adiante.

O dualismo entre as pulsões sexuais e as pulsões do ego é a referência freudiana dos primeiros textos elaborados sobre a pulsão. Contudo Freud se detém em uma maior especificação sobre as pulsões sexuais. A partir do texto *As pulsões e suas vicissitudes*, marco na teorização das pulsões, Freud explicita que a origem clínica da hipótese das duas pulsões surgiu através do conflito do ego e das exigências da sexualidade.

Tendo em vista que o dualismo entre as pulsões sexuais e as pulsões do ego não é o único que vigora na teorização freudiana sobre as pulsões, a possibilidade de dissolução desse dualismo é aventada da seguinte forma:

Propus distinguir dois grupos de tais pulsões primordiais: as *pulsões egoicas* ou de *auto conservação* e as *pulsões sexuais*. Porém não convém dar a essa classificação o caráter de uma premissa necessária [...]; é uma mera construção auxiliar que só há de se manter enquanto se mostre útil, e cuja substituição por outra pouco alterará os resultados de nosso trabalho descritivo e ordenador (FREUD, 1992/1915a, p. 119-120, grifos do autor).

As principais características deste conceito fundamental para a Psicanálise, a pulsão, vão sendo cada vez mais sistematizadas a partir da metapsicologia freudiana. É no texto dedicado à temática pulsional que as características fundamentais da pulsão são evidenciadas. Neste desenvolvimento da elaboração pulsional, Freud procura fundamentar a pulsão como um conceito científico, ressaltando que a base de suas

considerações tem referência nas pulsões sexuais. Como é perceptível na citação anterior, as vulnerabilidades apresentadas pela pulsão no seu percurso de elaboração não descaracterizam a sua montagem apresentada nesse importante texto.

As características básicas da pulsão são, segundo Freud (1992/1915a, p. 115), “[...] sua proveniência de fontes de estímulo situadas no interior do organismo e sua emergência como força constante”; tal é “[...] sua origem na fonte somática, [que] dentro da vida anímica não nos é conhecida de outro modo que por suas metas” (FREUD, 1992/1915a, p. 119).

Esta produção constante de força interna exige a ação do organismo e é, por assim dizer, uma força de trabalho. A exigência de trabalho proporcionada pela pulsão é exemplificada na experiência de satisfação através da ação específica que o indivíduo tem de realizar no mundo. Em relação a essas considerações, podemos evidenciar que a produção implicada pela pulsão é o restante de uma busca de satisfação.

Os elementos básicos da pulsão são os seguintes: impulso, fonte, objeto e objetivo. Os dois primeiros dizem respeito à origem pulsional, em outras palavras, “de onde” ela vem. Já os outros dois tratam mais especificamente da satisfação, ou então “para onde” a pulsão vai. Os quatro elementos formam a pulsão; mas o objeto e o objetivo, por serem variáveis, podem modificar-se.

Podemos constatar que no próprio título *As pulsões e suas vicissitudes*, ou melhor, “As pulsões e seus destinos”, um detalhe de suma importância se faz perceber: as vicissitudes são mantenedoras do que é primordial na pulsão. Sendo as vicissitudes os destinos das pulsões, elas interferem no que se referem à satisfação pulsional, modificando os elementos mais variáveis da pulsão, que são o objeto e o objetivo.

Podemos antecipar a informação de que na elaboração freudiana posterior é a oposição entre as pulsões de vida e as pulsões de morte que mantém o aspecto fundamental da pulsão. Contudo, neste desenvolvimento de sua teorização, Freud tem a possibilidade de apresentar as características básicas da pulsão sem a referência à pulsão de morte. Isso se dá, porque as vicissitudes se apresentam como solução para que o investimento seja realmente pulsional. Por conseguinte, não existe pulsão sem vicissitudes, e é aventurando-se por uma delas que a pulsão se apresenta. Segundo Freud (1992/1915a, p. 122, grifo do autor), “[...] os destinos de pulsão podem ser apresentados também como variedades da *defesa* contra as pulsões”.

Freud propõe vicissitudes como: o recalque e a sublimação. O recalque está no regime da substituição, e, quando uma pulsão é a ele submetida, a situação se apresenta

da seguinte forma: impossibilitada de satisfazer-se diretamente, a pulsão mantém sua busca do objeto idealizado e o recalque surge desviando o objetivo pulsional sem modificar o objeto.

Então cada novo objetivo é carregado das mesmas impressões objetais, formando vias de relacionamento. A sublimação, em contrapartida, desvia a pulsão de seus objetos e objetivos, abandonando-os para, em seguida, eleger outros objetos e objetivos. Mas para que isso possa acontecer, existe uma condição especial das pulsões: a oportunidade de uma pulsão agir por outra, possibilitando a troca de objeto. Isso demonstra a flexibilidade da pulsão em sua satisfação, que é considerada sua característica plástica.

A plasticidade é uma característica inerente às pulsões – no caso, as sexuais – e, ao mesmo tempo, uma condição para que a sublimação possa ocorrer. Dessa forma, seria viável que o processo sublimatório fosse a vicissitude pulsional a se manifestar com a maior frequência. No entanto, o recalque ocorre com muito mais frequência do que a sublimação. Então, a pergunta decorrente é: por que o recalque se apresenta mais frequentemente do que a sublimação? Na sua conferência denominada *A terapia analítica*, Freud (1991/1917, p. 414) observa que os parâmetros da ocorrência da sublimação estão “[...] na falta de mobilidade da libido, que pode mostrar-se relutante em abandonar seus objetos, e na rigidez do narcisismo, que não permite que a transferência sobre objetos sobreponha certa fronteira”.

A observação freudiana esclarece que a recusa da libido em abandonar objetos e a rigidez do narcisismo atuam a favor do recalque, dificultando a sublimação. Mesmo estando de acordo com a tendência da pulsão, a sublimação acaba não conseguindo dominar as forças que atuam para a manutenção do objeto que ela visa modificar.

O advento da teoria do narcisismo inaugura a destituição da primeira oposição dualista da teorização pulsional. Isso se dá porque o ego, tendo a si mesmo como objeto sexual, faz com que a diferença entre as pulsões sexuais e as pulsões do ego deixe de existir.

Em *Sobre o narcisismo: uma introdução*, contudo, Freud insiste numa posição dualista que difere, segundo sua afirmação, de uma energia generalizada na mente, como proposta por Jung. Essa referência a Jung tem importância para a teoria pulsional, devido ao fato de que Freud enfatiza o dualismo em oposição ao monismo junguiano.

Através da constatação de que não há um dualismo entre as pulsões sexuais e as pulsões do ego, Freud elabora uma oposição entre libido do ego e libido de objeto, que

revigora o dualismo. Nas palavras do autor: “a separação da libido em uma que é própria do eu e uma endossada aos objetos é o inevitável prolongamento de uma primeira suposição que dividiu pulsões sexuais e pulsões egoicas” (FREUD, 1992/1914, p. 75).

Também a oposição entre libidos não é permanente, porque Freud descobre que a libido é apenas uma, deslocando-se do ego para os objetos. Essa descoberta denota a libido como eminentemente sexual. Podemos perceber, na elaboração teórica da pulsão, que no momento quando um dualismo se desfaz, outra forma de dualismo surge em seu lugar.

Como a proposta dualista reaparece constantemente na teorização da pulsão, o dualismo entre as pulsões de vida e as pulsões de morte apresentado na obra *Além do princípio de prazer* é a proposição que se segue. A partir da distinção entre pulsão de vida ou sexual e pulsão de morte, Freud mantém a sua hipótese de que há algo no organismo que está fora do domínio da sexualidade. Desde a primeira proposição do dualismo pulsional, a grande questão em vigor é a enunciação de que algo escapa à sexualidade.

A pulsão de morte é enunciada como uma pulsão que trabalha em silêncio por trás das ruidosas pulsões de vida ou sexuais. A denominação “morte” para esse tipo de pulsão advém de sua tendência ao inorgânico, presentificada pela compulsão à repetição. Por trabalhar com a noção de tendência ao inorgânico, Freud abole nas pulsões de morte a relação com o termo “vida”, mantendo sua referência à característica não-sexual da mente humana. Confirmando o sentido amplo do termo que a designa, Freud (1992/1921, p. 55) afirma o seguinte: “[...] se não queremos abandonar a hipótese das pulsões de morte, temos de associá-las desde o começo mesmo com umas pulsões de vida”.

Ao investigar sobre o dualismo energético, Judith Schlanger questiona qualquer proposta de dualismo, da seguinte forma:

A dualidade é de uma força produtiva e de um peso de morte que a freia, ou de duas correntes dinâmicas opostas? A resposta implica uma decisão sobre a natureza da passividade: é ela neutra? É ela oposta? É ela outra que não a atividade, quer dizer, precisamente inerte? Ou é uma força semelhante à primeira, mas adversa? (SCHLANGER, 1971, p. 110).

As questões de Judith Schlanger não implicam o dualismo pulsional, pois a indagação sobre a passividade não é própria a esse dualismo, já que qualquer tipo de

pulsão denota atividade. Por conseguinte, a afirmação de que as duas forças são ativas, embora opostas, não é o bastante.

O ponto fundamental do dualismo freudiano é a diferença entre as duas forças. A pulsão de morte é diferente da pulsão de vida. E como a pulsão de vida é sexual, a pulsão de morte é necessariamente algo de não-sexual na mente humana.

Freud mantém o dualismo para que a teoria das pulsões não perca sua radicalidade. Eis a grande importância do dualismo pulsional. Nas palavras de Freud (1992/1921, p. 51-52, grifo do autor): “Nossa concepção foi desde o começo *dualista*, e é de maneira ainda mais cortante hoje, quando deixamos de chamar aos opostos pulsões egoicas e pulsões sexuais, para dar-lhes o nome de pulsões de vida e pulsões de morte”.

Num dos últimos textos de Freud, *Análise terminável e interminável*, surge uma referência a Empédocles. O autor demonstra, no recorte que faz do ensinamento desse pensador grego, que as duas forças que movem o mundo, amor e ódio, são equivalentes às pulsões de vida e às pulsões de morte. É possível cogitar que Freud utiliza o pensamento de Empédocles para fundamentar a teoria do dualismo pulsional que, como a pulsão de morte, sofre descréditos. Neste momento, recorreremos aos *Fragmentos*, de Empédocles, entre eles, o seguinte:

*Duplas coisas direi: pois ora foi crescido a ser só
de muitos, ora de novo partiu-se a ser muitos de um só.
Dupla é a gênese das coisas mortais, dupla a desistência.
Pois uma convergência de todos engendra e destrói,
e a outra, de novo (as coisas) partindo-se, cresce e se dissipa.
E estas (coisas) mudando constantemente jamais cessam, ora
de novo divergidas em cada por ódio de Neikos.
Assim, por onde um de muitos aprenderam a formar-se, e de
novo partido e um múltiplos se tornaram,
por aí é que nascem e não lhes é estável a vida (EMPÉDOCLES, 1978, p.
223).*

A luta entre o amor e a discórdia é proposta por Empédocles como um ciclo cósmico onde há a transição do Um ao múltiplo. Ao ser é imposto o devir e, conseqüentemente, aquilo que chamamos vida. Muitos comentadores, entre os quais Guthrie, impõem quatro fases a esse ciclo, numa das quais haveria a instauração da separação através de um reinado absoluto da discórdia. A leitura de Freud segue esse tipo de interpretação clássica. Contudo, há outro tipo de interpretação do poema de Empédocles, sugerida pelo comentador Jean Bollack. Para a apreciação do comentário de Bollack sobre o ciclo cósmico de Empédocles, vamos seguir a afirmação empedocleana de que é impossível destruir aquilo que é: *Pois do que de nenhum modo*

é, impossível é vir-a-ser,destruir-se o que é (é) impossível e impensável; pois será sempre lá, onde um sempre o firmar (EMPÉDOCLES, 1978, p. 222).

Ocorre que dentre os pré-socráticos há certos autores que se ocupam com questão do Ser. Parmênides só admitiu o ser em detrimento do não-ser. Nesse sentido, Empédocles é parmenidiano. Bollack se vale da referência a Parmênides para fundamentar sua interpretação e dizer que Empédocles não admite a destruição do ser em detrimento do não-ser. Então, não pode haver no ciclo cósmico de Empédocles uma fase do reinado absoluto da discórdia, como é afirmado na interpretação clássica.

Em contrapartida, Bollack (1965, p. 97) escreve que “o ódio desencadeia o movimento, mas não lhe imprime alguma forma”. No seu entender, a discórdia se instala na esfera com o único sentido de lhe imprimir o movimento que é continuado com o crescimento e a predominância do amor. Nessa mesma linha do pensamento de Bollack, José Trindade dos Santos (1988, p. 166) acrescenta que a “separação poderia ter ocorrido se o Amor se tivesse retirado do mundo, mas tal nunca se terá dado”.

Essa ênfase na interpretação de Bollack para a passagem (de que Freud se apropriou) dos fragmentos de Empédocles faz-se necessária por oferecer uma maior fundamentação ao dualismo pulsional. A interpretação de Bollack abole a ideia de conflito, existente na interpretação clássica dos fragmentos de Empédocles. Essa referência é bastante adequada para o cotejo com o dualismo freudiano, pois mesmo que Freud tenha admitido a noção de conflito para as pulsões de vida e as pulsões de morte, o ponto mais importante do dualismo freudiano é a noção de diferença. Então, quando Bollack esclarece que a discórdia se instaura de chofre na esfera, podemos entender que é da mesma forma que a pulsão de vida e a pulsão de morte atuam em conjunto: a pulsão de morte apenas imprime o movimento que é mantido pela pulsão de vida.

Dessa forma, podemos dizer que o comentário de Bollack não elimina a referência freudiana a Empédocles; ao contrário, facilita o entendimento da pulsão de morte. Portanto, podemos concluir que, ao mencionar Empédocles, Freud utiliza uma boa referência para a fundamentação de sua teoria das pulsões. Para ele, o pensamento de Empédocles ressurgiu após dois mil anos.

ALGUMAS MANIFESTAÇÕES DA PULSÃO DE MORTE

A noção freudiana de pulsão de morte surge com todas as suas características no *Além do princípio de prazer*, mas o que dificulta sua apreensão é a forma com que o

conceito foi apresentado. O próprio Freud aponta, na sua exposição, para a ausência de caracteres práticos que poderiam garantir o seu estabelecimento. A afirmação de que a pulsão de morte é uma tendência ao inorgânico complica o seu discernimento.

No *Além...*, a pulsão de morte aparece em detrimento da dominância do princípio de prazer. Até esse momento da elaboração freudiana, o princípio de prazer foi considerado o processo dominante da vida mental por expressar a tendência geral da energia circulante pelo aparelho psíquico. Sua formulação é a seguinte: “cremos que em todos os casos se põe em marcha uma tensão desagradável, e depois adota tal orientação que seu resultado final coincide com uma diminuição daquela, isto é, com uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer” (FREUD, 1992/1921, p. 7). Mas a questão freudiana é explicitar que nem tudo na mente está sob o domínio do princípio do prazer.

Num artigo denominado *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, de fato Freud (1991/1911, p. 224-225) não se compactua radicalmente com a tese de que, “[...] uma organização [...] escrava do princípio de prazer e que descuida da realidade objetiva do mundo exterior, não poderia manter-se em vida nem por um instante, de sorte que nem mesmo poderia ter-se gerado”. Mas isso sugere que há a relevância do princípio de realidade que põe a mente em contato com as exigências do mundo externo.

Devido ao princípio de realidade, “se abandona um prazer momentâneo, porém inseguro em suas conseqüências, somente para ganhar pelo novo caminho um prazer seguro, que virá depois” (FREUD, 1991/1911, p. 228). Então, o princípio de realidade não destitui o princípio de prazer do lugar dominante na mente; ele somente adia a finalidade de obter prazer. Constitui-se como uma modificação do princípio de prazer que só é de fato destituído se estivesse a serviço da pulsão de morte.

Em *O problema econômico do masoquismo*, Freud esclarece que anteriormente o princípio de prazer foi visto apenas com referência a um fator quantitativo de aumento e diminuição de energia na mente. Prazer e desprazer teriam uma profunda relação com a característica qualitativa. Qual seria a relação do princípio de prazer com a tendência geral de manter o mínimo de energia constante no aparelho psíquico? De acordo com as anotações de Freud, essa tendência geral é denominada princípio de Nirvana que, por influência da libido, é modificado em princípio de prazer, do seguinte modo:

Seja como for, deveríamos advertir-nos que o princípio de Nirvana, súdito da pulsão de morte, experimentou no ser vivo uma modificação pela qual se tornou princípio de prazer; e em decorrência teríamos de evitar considerar a esses dois princípios como um só. Agora bem, se nos

empenhamos em avançar no sentido desta reflexão, não resultará difícil coligir o poder que partiu de tal modificação. Apenas pode ser a pulsão de vida, a libido, a que de tal modo conquistou um lugar junto à pulsão de morte na regulação dos processos vitais. Assim obtemos uma pequena, porém interessante série de pertencas: o princípio de *Nirvana* expressa a tendência da pulsão de morte; o princípio de *prazer* sub-roga a exigência da libido, e sua modificação, o princípio de *realidade*, o influxo do mundo exterior (FREUD, 1992/1924, p. 166, grifos do autor).

Os princípios que governam o funcionamento mental estão profundamente marcados pelas duas pulsões fundamentais. Trabalhando a noção desses princípios, Freud delimitou a existência da pulsão de morte. Morte e destruição são as denominações dadas pelo autor para este novo tipo de pulsão. Com esta base, Freud enuncia a pulsão de morte através de linguagem mítica e, a partir da referência científica, acusa este tratamento mítico de especulativo, reclamando contra a ausência dos caracteres práticos. Freud não se dá por satisfeito com o aspecto, por ele denominado “especulativo”, da apresentação da pulsão de morte; no entanto essa foi a única forma de sua viabilização.

Freud percebeu que as pulsões de morte podem manifestar-se através da compulsão à repetição, percebida na análise de neuróticos e nas brincadeiras de crianças. Por exemplo, algo se repete em certas situações como uma sina, e essa repetição independe da obtenção de prazer. A compulsão à repetição está referida à pulsão de morte. Essa compulsão é a busca de repetição da experiência de satisfação que marca o primeiro circuito pulsional. Essa experiência mítica põe em causa a satisfação.

A satisfação é central para a pulsão, pois não há pulsão sem satisfação. Segundo Freud (1992/1930, p. 96), “não é fácil compreender como é possível subtrair a satisfação de uma pulsão. E de modo algum deixa de ter seus perigos; se alguém não é compensado economicamente, já pode preparar-se para sérias perturbações”. Por outro lado, a manutenção do desejo exige uma insatisfação. Daí surge a pergunta de como a satisfação da pulsão e a insatisfação do desejo se relacionam. Essa questão é explicitada em uma importantíssima afirmação de Freud:

A pulsão reprimida nunca cessa de aspirar a sua satisfação plena, que consistiria na repetição de uma vivência primária de satisfação; todas as formações substitutivas e reativas, e todas as sublimações, são insuficientes para cancelar sua tensão cruciante, e a diferença entre o prazer de satisfação encontrado e o pretendido engendra o fator pulsionante, que não admite aferrar-se a nenhuma das situações estabelecidas [...] (FREUD, 1992/1921, p. 42).

É a diferença entre a satisfação exigida e a obtida que mantém o investimento

pulsional constante. Ao mesmo tempo em que a pulsão se satisfaz, o desejo se mantém vivo; pois a satisfação exigida é maior que a conseguida. Esse excedente é a pura pulsão de morte. Como as duas pulsões atuam em conjunto, o excedente é fator impulsionador.

Aqui temos a marca de que a pulsão de morte é diferente da sexual. Qual é a diferença entre ambas? O sentido de que a pulsão de morte é uma tendência ao inorgânico se dá quando ela é pensada como uma exigência de satisfação total, que é a destruição. A pulsão é sustentada por uma satisfação parcial através da influência da pulsão da vida.

E a partir deste momento entramos no terreno da ética freudiana, nomeada por Lacan. Freud a propôs, e Lacan, seguindo os seus passos, explicitou esse domínio da ética até então não trabalhado pelos seguidores de Freud. A ética da psicanálise não tem o prazer como referência; ela está em conformidade com o que está além do princípio de prazer. No dizer do fundador da Psicanálise, em *O problema...*,

O habitual é apresentar as coisas como se o reclame ético fosse o primário e a renúncia do pulsional, sua consequência. Porém assim fica sem explicar a origem da eticidade. Na realidade, parece ocorrer o inverso; a primeira renúncia do pulsional é arrancada por poderes exteriores, e é ela que cria a eticidade, que se expressa na consciência moral e reclama novas renúncias do pulsional (FREUD, 1992/1924, p. 176).

Dizer que a pulsão está por trás do senso ético confirma a diferença na satisfação pulsional, pois a manutenção da pulsão implica a renúncia da satisfação exigida em detrimento da satisfação que é possível obter. Todo movimento pulsional tem base numa primeira renúncia que pode ser entendida através da experiência de satisfação.

Na experiência montada por Freud, o bebê desamparado sente fome e, para satisfazer esse estímulo, ele necessita de outra pessoa que atue no mundo externo, oferecendo-lhe alimento. No entanto com a interferência do outro, o investimento seguinte fica dividido entre alguém que trouxe o alimento e o próprio alimento.

Uma das contribuições freudianas é enunciar a origem do senso ético. Seu compromisso se dá com essa anterioridade, não simplesmente com os requisitos éticos.

Se remontarmos aos primórdios da humanidade, essa situação pode ser ilustrada da seguinte forma: o homem primitivo era, como o bebê, desamparado diante do mundo que o cercava. Os animais e as intempéries da natureza eram bem mais potentes que ele. Para sobreviver, ele precisou viver em bandos e, por isso, teve de abrir mão de alguma coisa em prol da comunidade. O fato de o homem não dominar a natureza leva à

primeira renúncia pulsional. Como diagnostica Freud (1992/1930, p. 85) em *O mal-estar...*, “nunca dominaremos completamente a natureza; nosso organismo, ele mesmo parte dela, será sempre uma forma perecível, limitada em sua adaptação e operação”.

O homem não dá conta da natureza que lhe é própria. Isso é outra forma de dizer que para a pulsão não há satisfação total. A impossibilidade de satisfação total não denota uma visão pessimista da investigação freudiana, e, sim, a vertente da atividade. A pulsão implica atividade, pois através do encaminhamento pulsional o homem lida com as suas possibilidades.

A pulsão de vida tem por missão tornar inócua a pulsão de morte, “pois o sentimento de culpa é a expressão do conflito de ambivalência, da luta eterna entre o Eros e a pulsão de destruição ou de morte. E esse conflito se entabula toda vez que se propõe ao ser humano a tarefa da convivência” (FREUD, 1992/1930, p. 128).

Diante dos problemas (“mal-estar”) do homem com a civilização, qualquer saída encontrada não o faz livre do sentimento de culpa. Quanto maior rigor em cumprir os requisitos éticos, mais culpa ele tem. O sentimento de culpa é expressão da renúncia pulsional primária e, com isso, uma das manifestações da pulsão de morte. A pulsão de morte encontra, com esta perspectiva da ética, a sua referência prática contra cuja ausência Freud havia reclamado no *Além do princípio de prazer*.

Há também outro tipo de manifestação da pulsão de morte. Para desenvolver essa vertente, a referência inicial é o texto *O inconsciente*, onde Freud (1992/1915c, p. 173) enuncia: “Se a pulsão não se aderisse a uma representação nem saísse à luz como um estado afetivo, nada poderíamos saber dela”. O sentimento de culpa é a expressão da tendência afetiva, mas qual é o outro encaminhamento pulsional?

Tendo em vista a afirmação freudiana de que a pulsão é um conceito limite entre o físico e o psíquico, a ideia e o afeto a representam no psiquismo. Segundo Freud, o acesso às pulsões só é possibilitado por intermédio dos representantes, quais sejam, as ideias e o afeto. Nessa formulação freudiana, as ideias são apresentadas como traços de memória e o afeto, como processo de descarga.

Os traços de memória foram percepções que, transformadas pelo aparelho psíquico, fixaram-se sem outra característica senão a de traço. Freud faz equivaler os traços ao representante ideativo da pulsão. Moustapha Safouan (1988, p. 44), em *O fracasso do princípio de prazer*, com base no pensamento de Brentano, esclarece que a “*Vorstellung*”, palavra alemã utilizada por Freud, é intraduzível, e que “ideia” e “representação” são traduções inadequadas. No seu entender, a “*Vorstellung*” é presença

e, nesse caso, atualiza a presença da pulsão. Como em português não há o vocábulo “apresentação”, a opção dos estudiosos ficou sendo “representação”.

O primeiro traço de memória sofre um recalque primordial que marca todo o investimento pulsional. O recalque primordial é, como a experiência de satisfação, expressão da renúncia pulsional primária. Já o recalque, enquanto vicissitude da pulsão, é denominado como uma segunda fase e afeta os derivados mentais desse representante recalcado (FREUD, 1992/1915b, p. 142-143). Por forçar a renúncia pulsional primária, o recalque primordial é uma condição para o aparecimento do pensamento. Através da associação dos representantes pulsionais, o pensamento surge como um caminho a ser trilhado.

Na teoria psicanalítica, o pensamento não é entendido como a incorporação do princípio de realidade, já que dessa forma ocorre uma redução da concepção freudiana de pensamento. Para Freud, o pensamento é originalmente inconsciente, por advir do representante recalcado.

Existe outro ponto – a fantasia – que desfaz a concepção de que o pensamento tem compromisso apenas com o mundo externo. O fantasiar é um processo de pensamento onde o princípio de realidade não entra em questão. Dessa forma, há uma distinção entre o processo de pensamento racional e a fantasia, como se pontua neste trecho de *Formulações...*:

A repressão permanece onipotente no reino do fantasiar; logra inibir representações *in statu nascendi*, antes que possam fazer-se notáveis à consciência, toda vez que seu investimento possa dar ocasião ao desprendimento de desprazer. Esse é o lugar mais lábil de nossa organização psíquica; é o que pode ser aproveitado para levar de novo sob o império do princípio de prazer processos de pensamento já ajustados à *ratio* (FREUD, 1991/1911, p. 227-228).

Em *Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci*, Freud (1994/1910, p. 74-75) comenta que o pensamento segue três tipos de encaminhamentos: uma inibição, uma compulsão neurótica, ou então se apresenta de maneira desimpedida. Esses três segmentos são vicissitudes da pulsão de saber que, em si, não tem características sexuais, mas, para manifestar-se, precisa estar ligada à sexualidade. E, dependendo da adesividade da libido e do narcisismo, a pulsão de saber pode retornar pela via sublimatória. No que diz respeito à pulsão de saber, esta se detém em um ponto de ignorância sobre o qual o saber não é possível e por isso o pensamento segue o seu caminho.

Depois de ter realizado esses desenvolvimentos, podemos perguntar por que o pensamento é considerado, por Freud, uma etapa intermediária da ação. Neste momento recorreremos ao texto *A negação*, onde Freud (1992/1925, p. 256) esclarece: “O julgar é a ação intelectual que elege a ação motora, que põe fim ao adiamento que significa o pensamento mesmo, e conduz do pensar ao agir”. Para o autor, o pensar é uma ação intermediária à espera do julgar que, por sua vez, tem como essência afirmar ou negar um pensamento.

Ao comentar sobre *A negação*, Eduardo Vidal (1988, p. 29) escreve que a ação implicada pelo julgamento põe em causa a ética freudiana. Em suas palavras: “[...] a psicanálise não considera a ação apenas como uma descarga adequada ao fim, mas interpela na ação o desejo que a habita”. Então, a pulsão é novamente envolvida no tema da ética. Quando Freud apresenta a pulsão como uma exigência de trabalho feita à mente em consequência de sua ligação com o corpo, é de ação e ética que se trata. Segundo Vidal (1988, p. 29), “a ação comporta, desde sempre, um questionamento ético”.

Todavia, o julgamento aparece posteriormente ao recalque secundário e coloca em questão o representante pulsional. Como em um tribunal, o conteúdo de uma ideia é julgado, podendo ser condenado ou não. Dessa forma, o julgamento afirma ou nega o conteúdo de pensamento e a negação deixa o conteúdo do recalque aparecer, mesmo sendo condenado. Na exposição de Freud:

[...] um conteúdo de representação ou de pensamento reprimido pode irromper na consciência, sob a condição de que se deixe *negar*. A negação é um modo de tomar conhecimento do reprimido; na verdade, é já um cancelamento da repressão, mesmo que não, claro está, uma aceitação do reprimido. Vê-se como a função intelectual se separa aqui do processo afetivo (FREUD, 1992/1925, p. 253-254, grifo do autor).

A negação é considerada uma fase posterior do recalque, mesmo sendo uma suspensão deste. Por se tratar de uma suspensão do recalque, Jean Hyppolite, em seu comentário, se arrisca a perguntar se, deste modo, a negação não seria uma sublimação. O filósofo confirma a sua posição a partir da afirmação freudiana de que nesse processo o intelectual se separa do afetivo. A sublimação é uma dessexualização que se dá quando ocorre o deslocamento da libido. Freud assim a define em *O ego e o id*:

A transposição assim cumprida de libido de objeto em libido narcísica leva, manifestamente, uma resignação das metas sexuais, uma dessexualização e, portanto uma sorte de sublimação. Mais ainda; aqui

se forma uma questão que merece ser tratada a fundo: Não é esse o caminho universal em direção à sublimação?

Não se cumprirá toda sublimação pela mediação do ego, que primeiro muda a libido de objeto em libido narcísica, para depois, acaso, colocá-lo outra meta? (FREUD, 1992/1923, p. 32).

Essa definição é a mais esclarecedora que Freud enunciou sobre a sublimação. Ao tratar de deslocamento libidinal com o desvio de objetos, a dessexualização é desvendada. Já que a libido do objeto e a narcísica são ambos investimentos objetais e sexuais, o não-sexual se apresenta como a mudança entre um objeto sexual e outro. Esse pequeno intervalo de dessexualização é o domínio da pulsão de morte.

Como vimos, a pulsão de morte encontra formas sutis de manifestação. Sempre ligada à pulsão de vida, fez-se perceber por Freud através de minuciosos detalhes. Esses detalhes fazem-na tornar-se um grande problema para a sua definição e, por consequência, para a elaboração da teoria pulsional.

A TEORIA PULSIONAL É UMA ESPECULAÇÃO?

Diante da proposta de fazer uma pesquisa sobre o que na teoria freudiana se denomina “pulsão”, encontramos-nos em uma situação delicada, já que o próprio Freud considera a pulsão um dos temas mais obscuros e difíceis de sua investigação. Em uma de suas últimas conferências, o autor comenta que a angústia e a vida pulsional

São as tarefas mais difíceis que afrontamos, porém a dificuldade não reside [...] na insuficiência das observações, pois são justamente os fenômenos mais frequentes e familiares que nos apresentam aqueles enigmas; tampouco no caráter remoto das especulações que eles incitam, pois o processamento especulativo conta pouco neste âmbito. É que se trata real e efetivamente de concepções, [...] de introduzir as representações abstratas corretas, cuja aplicação à matéria bruta das observações faz nascer nela ordem e transparência (FREUD, 1991/1933a, p. 75).

Ao introduzir a pulsão de morte, Freud acusa o seu tratamento de especulativo por carecer de características práticas. Mas, no desenvolver de sua elaboração, a articulação com os elementos práticos aos poucos começa a suceder. É, principalmente, no que diz respeito à pulsão de morte que Freud fica insatisfeito com suas definições, pois a pulsão de vida se apresenta, desde o início, com maior clareza.

A afirmação freudiana é de que os dois tipos de pulsões só podem ser pensados em conjunto e a dificuldade enunciada na citação antecedente diz respeito ao conjunto pulsional. Como essa citação advém de uma fase mais avançada de seus estudos, Freud

ênfatiza que as manifestações pulsionais são fáceis de observar e o caráter especulativo, insignificante.

No *Além do princípio de prazer*, onde Freud apresenta a pulsão de morte, há uma preocupação, por parte do autor, de dizer que esse momento de seu trabalho é uma especulação. Como vimos, no avanço de suas considerações, Freud diminui a importância dada a essa temática. Contudo podemos perguntar qual a razão de ter ele atribuído um caráter de especulação ao desenvolvimento da teoria das pulsões. Nesse sentido, julgamos que essa proposta pode ter relação com a ideia freudiana de aproximação da psicanálise à ciência. Mas de que forma isso pode ser evidenciado?

Uma controvérsia foi instaurada, por parte dos críticos racionalistas, sobre o aspecto de verificabilidade a que a psicanálise pode ser submetida (BOUVERESSE QUILLIOT; QUILLIOT, 1991). Dentro dessa perspectiva, a disciplina psicanalítica não pode ser considerada científica, por não apresentar critérios passíveis de verificação. A partir disso surge a indagação ao considerar a teorização sobre a pulsão de morte uma especulação. Será que Freud apresenta algum compromisso com a forma de raciocínio acima mencionada?

Em vários momentos durante o texto do *Além...* aparecem expressões como “*a meta de toda vida é a morte*” (FREUD, 1992/1921, p. 38, grifos do autor), que podem levar a muitas conjecturas. Contudo o próprio Freud, em *Ansiedade e vida pulsional*, distancia-se dessas possibilidades de desenvolvimento de sua teoria, da seguinte forma:

Por acaso digam os senhores, encolhendo-se os ombros: “Isto não é ciência da natureza, é filosofia schopenhaueriana”. [...] E por outro lado, o que dissemos, na verdade, nem sequer é o que afirma Schopenhauer. Não asseveramos que a morte seja a meta única da vida; não deixamos de ver, junto à morte, a vida. Admitimos duas pulsões básicas, e deixamos a cada uma sua própria meta (FREUD, 1991/1933a, p. 99-100).

Os termos “morte” e “destruição”, utilizados para essa nova apresentação da pulsão, geram dificuldades de assimilação. Devemos lembrar que Freud se preocupa bastante com o uso dos termos, mas não se trata apenas de um problema de como utilizá-los e, sim, da forma como é encaminhada essa vertente de pensamento de Freud.

É A PULSÃO UM CONCEITO CIENTÍFICO?

Freud trabalha a pulsão como uma especulação e como um conceito científico, mas não de maneira simultânea, e sim pontuando momentos distintos no curso de um

desenvolvimento teórico.

Na formulação de sua metapsicologia, Freud apresenta a pulsão como um conceito onde um compromisso científico se dá. Mas a sugestão especulativa aparece em outro tempo, posterior ao da metapsicologia, aproximando-se das últimas produções do autor. Dessa forma, há um intervalo entre os dois momentos da elaboração teórica da pulsão, onde surge um reviramento com a pulsão de morte. Na proposição metapsicológica, a pulsão emerge como um conceito fundamental. Segundo P. L. Assoun (1978, p. 75), é o estatuto desses conceitos de base que é designado como o desafio essencial da metapsicologia.

No primeiro parágrafo do artigo *As pulsões e suas vicissitudes*, Freud apresenta sua maneira de entender um conceito científico. De acordo com a interpretação de Assoun, os conceitos fundamentais na teoria freudiana são gerados pela aplicação de ideias abstratas que são indispensáveis na elaboração do material trabalhado. Essas ideias abstratas são aplicadas ao material da experiência e transformadas em conceito científico. No seu entender, essas formações conceituais demonstram uma pobreza inicial contrastante com a riqueza de acabamento das formulações posteriores, ao se tornarem os conceitos fundamentais.

Esse comentador enfatiza a ambiguidade do termo “convenção” utilizado por Freud para a definição das formações conceituais. Em suas palavras, “[...] o que determina a escolha dessas ideias diretrizes é sua riqueza expressiva em determinações empíricas; e é isto que legitima o uso de convenções sem cair no convencionalismo” (ASSOUN, 1978, p. 75). Nas palavras de Freud (1992/1915a, p. 113, grifo do autor), “um conceito básico convencional dessa índole, por agora bastante obscuro, porém do qual em psicologia não podemos prescindir, é o de *pulsão*”.

Freud se opõe à ideia de que conceitos fundamentais devem ser definidos em um tempo anterior no qual forneceriam a base da ciência a ser construída. Para Assoun, esse posicionamento freudiano demonstra uma oposição à exigência, tipicamente filosófica, de pré-posição de termos claramente definidos. No seu dizer, “a definição metapsicológica se opõe, correlativamente, à definição filosófica pelo fato de vir em último lugar na elaboração conceitual” (ASSOUN, 1978, p. 75). O comentador acrescenta que, mesmo optando por definir posteriormente, Freud não se mantém rígido em suas definições.

Está claro que Freud não opõe a especulação à ciência, mas faz um reposicionamento dos elementos que forjam um conceito. Isso fez com que a teoria

psicanalítica fosse constantemente questionada, ou mesmo rejeitada, pela comunidade científica. Mas qual é o critério utilizado para a recusa da cientificidade psicanalítica?

Segundo Renée Bouveresse, comentadora autorizada de Popper, uma das críticas sofridas pela Psicanálise recai sobre a sua verificabilidade. Se a Psicanálise não oferece a possibilidade de verificação, ela se apresenta dogmática e, conseqüentemente, alheia ao discurso da ciência. De acordo com a comentadora, a crítica inicial que Popper faz à Psicanálise é que “eliminando a possibilidade de ser declarada falsa, a Psicanálise se coloca, portanto, em sua vitória, fora do discurso da ciência” (BOUVERESSE QUILLIOT, 1989, p. 150). No entanto Bouveresse complementa que Popper imprime à Psicanálise o critério de cientificidade que garante à teoria psicanalítica um compromisso com a ciência:

a atitude de Popper para com a psicanálise está longe de ser assim tão negativa como se tem suposto. Com efeito, Popper não partilha a semântica reducionista dos empiristas lógicos que superpõem critério de cientificidade e de significação. [...] Enfim, Popper diz, superpondo seu critério de racionalidade (o criticismo) e o critério de cientificidade (a falseabilidade), que é apenas um caso particular de criticismo, onde o controle empírico é possível, que a psicanálise pode pretender a racionalidade, mesmo não sendo científica (BOUVERESSE QUILLIOT, 1989, p. 153).

Nessa mesma linha de confronto com o ideal cientificista de Freud, podemos recorrer ao comentário de Assoun sobre as críticas de Wittgenstein em relação à psicanálise. Segundo sua afirmação, Wittgenstein considera que Freud produz uma mitologia, tomando-a por explicação científica. Nas palavras do comentador: “o que Wittgenstein significa é que o tipo de lógica persuasiva que o entendimento psicanalítico promove, explicando à margem de uma exigência primordial de ‘verificação’, remete para uma discursividade de tipos mitológicos” (ASSOUN, 1990, p. 170).

Contudo, o último desenvolvimento da pulsão é extraído do discurso científico pelo próprio Freud, o que induz a perguntar sobre os motivos de tal procedimento. A primeira evidência é a formulação mítica dada a este último desenvolvimento, pois o mito não é compatível com a caracterização conceitual. Dessa forma, outro questionamento pode ser levantado: teria Freud transformado a pulsão de morte em especulação, por não ter conseguido elaborá-la como um conceito científico? Para melhor esclarecer essa questão, uma incursão pelo movimento científico à época de Freud se faz necessária.

No período entre os séculos XVIII e XIX, a ciência está embrenhada em uma situação específica. Para os autores de *A nova aliança...*, “os médicos se sentiram autorizados por Newton a revestir de linguagem moderna o discurso vitalista e a falar de uma força vital *sui generis*” (PRIGOGINE; STANGERS, 1984, p. 20). Esse movimento teve grande repercussão no século XVIII. Freud apresentou-se comprometido com a repercussão daquele momento teórico e as ideias que permearam essa época se fazem perceptíveis em alguns de seus artigos. De acordo com Célio Garcia,

Freud participa de uma corrente que, para resumir, diria que ela é o resultado da influência do romantismo alemão e de uma certa Biologia Vitalista, na medida em que esta corrente de pensamento ocupa o final do século XVIII até meados do século XIX. Para o romantismo alemão, a realidade (*Wirklichkeit*) apresenta uma unidade orgânica onde se enraíza a oposição entre Natureza (*Natur*) e Espírito (*Geist*) (GARCIA, 1987, p. 74).

A Filosofia da natureza, a que muitos adeptos do romantismo estavam ligados, levou (aos olhos dos cientistas de *A nova aliança...*) a uma situação cultural complexa. Ao comentar sobre a Filosofia da natureza, Judith Schlanger (1966, p. 54) enuncia que “há um desenvolvimento que se eleva do inorgânico ao orgânico e, através do reino da organização, conduz ao surgimento do espírito. Estas teses e esta atitude, a Filosofia da natureza as integra diretamente”.

Em muitos momentos, a Filosofia da natureza e a corrente do Vitalismo confluem no trato com a noção de organismo. A ideia do organismo é central na biologia vitalista e traz em si a ideia de máquina, antecipando, assim, pontos fundamentais da cibernética.

Com o desenvolvimento da noção de organismo máquina, surge a necessidade de uma diferenciação entre os autômatos naturais e os autômatos artificiais. É nesse contexto que se insere o Vitalismo e sua proposta de que os autômatos naturais possuem uma força vital intrínseca e por isso são superiores aos autômatos artificiais. O que sustenta essa força vital seriam as noções de alma, Deus ou instinto, de acordo com a vertente discursiva.

Stahl, o pai do Vitalismo, escreve um texto para diferenciar o organismo como máquina biológica e como máquina artificial. No seu entender “o corpo humano é orgânico, porque é o instrumento ou laboratório de alma razoável” (SHELLEY, 1985, p. 51). Essa ideia é esclarecida por Judith Schlanger ao enunciar que, para Stahl (apud SCHLANGER, 1971, p. 56), o organismo “é a dualidade de uma vontade que designa

um fim e de um instrumento material que a executa e que é ao mesmo tempo objeto e agente do querer”. A comentadora explicita que a força vital defendida por Stahl se expressa em uma dualidade com vista a um fim harmonioso entre a máquina corporal e seu objeto.

Tanto a Filosofia da natureza quanto o Vitalismo estão embrenhados na discussão sobre algo intrínseco e vital ao organismo. No entanto, segundo Judith Schlander, ao fim do século XVIII, entram em cena as pesquisas em Dinâmica. Entre o Vitalismo e a Física dinâmica, há uma sutil variação da noção de alma para a noção de energia.

Ao fim do século XVIII, o vetor da unidade cosmológico-lógica não é mais um vitalismo, mas um dinamismo de bom grado exotérico. A espontaneidade é dinâmica, a animação é energética. [...] é um esquema dinâmico que constitui as realidades concretas a partir de uma dualidade de forças, em termos seja de equilíbrio, seja de tensão, seja de conflito (SCHLANGER, 1971, p. 56).

A energia, enquanto base de investigações científicas, é a proposta de uma mudança de perspectiva que, sendo divulgada no meio científico, induz a algumas distorções. Como afirma Charles Brunold:

A exposição clássica dos princípios da termodinâmica criou um conceito que se estendeu a toda a física, este que Helmholtz de início chamou a *força* e que nós chamamos hoje a *energia*. Esta noção generalizou-se por toda a física, por ser utilizada para afirmar a conservação do que ela quer representar. Nós mostramos a ilusão que recobre este princípio e o equívoco que ele introduz na teoria (BRUNOLD, 1980, p. 143, grifos do autor).

O século XIX apresenta um grande desenvolvimento científico com as máquinas térmicas. A ciência piloto nesse caso é a termodinâmica, através da elaboração da transformação de calor em trabalho. Pois “a questão da qual nasceu a termodinâmica não concerne à *natureza* do calor, ou da sua ação sobre os corpos, mas à *utilização* dessa ação. Trata-se de saber em que condições o calor produz energia mecânica, quer dizer, pode fazer girar um motor” (PRIGOGINE; STANGERS, 1984, p. 83, grifos do autor).

Freud aproxima-se desta investida com a noção de homem como máquina energética. Ao propor o aspecto econômico de sua teoria, Freud sustenta o princípio de que o aparelho psíquico tende ao equilíbrio. No entanto, essa tendência é, também, o

que impulsiona o aparelho psíquico ao trabalho.

O resultado é que a manutenção do equilíbrio como mínimo de energia constante não é viabilizada, porque o aparelho psíquico é submetido à pulsão. A tendência ao equilíbrio e à produção decorrente são expressões do princípio de prazer e do trabalho conjunto das pulsões de vida e das pulsões de morte. Com essa base, o pensamento de Freud é distanciado da biologia e é aproximado da termodinâmica.

Essa forma de apresentação da teoria freudiana tem relação com os dois princípios da termodinâmica: o princípio da tendência ao equilíbrio, que utiliza a ideia de conservação, e o princípio da entropia, que exprime a ideia de mudança.

A teoria psicanalítica apresenta algumas características das questões científicas em vigor na contemporaneidade freudiana. Entretanto o fundador da psicanálise manteve a autonomia de sua descoberta. Mesmo utilizando postulados de outras disciplinas, não aderiu integralmente à cientificidade de sua época, cientificidade esta que, na análise de Prigogine e Stangers, apresenta-se alheia ao próprio mundo que ela visa dominar. Segundo esses autores, a ciência desse período participa de um desencantamento do mundo e, assim, tudo o que ela descreve é reduzido a um caso de aplicação de leis gerais.

O século XIX acreditou descobrir que a verdade é triste; o progresso da ciência acaba por ser sempre o mesmo, quaisquer que sejam as convicções pessoais do cientista; o que a ciência clássica toca, seca e morre. Morre para a diversidade qualitativa, para a singularidade, para tornar-se a simples consequência de uma lei geral. O que fora convicção inspiradora para alguns dos fundadores da ciência moderna aparece doravante como *conclusão* da própria ciência imposta pelo seu sucesso e, parece, imposta pela racionalidade e objetividade científicas. No momento em que quer explicar o significado geral de seus resultados e situá-los numa perspectiva culturalmente pertinente, o físico não tem outra linguagem senão a do mito, único discurso coerente que responde à exigência profunda da atividade científica: compreender a natureza e a maneira pela qual as sociedades humanas nela se inserem (PRIGOGINE; STANGERS, 1984, p. 39, grifo do autor).

Essa citação do texto *A nova aliança...* leva-nos a repensar a relação de Freud com a ciência. Como vimos, Freud foi um homem de sua época e participou do movimento científico vigente. De acordo com Prigogine e Stangers, a ciência daquele período era reducionista. E, diante das conclusões apresentadas pelos autores, perguntamos o seguinte: será que Freud, ao elaborar a pulsão de morte, não encontrou lugar no discurso científico para esta nova descoberta e, por isso, teve apenas o recurso ao mito para

enunciar o que de outra forma não teve oportunidade de dizer? Essa questão pode ser levantada de outra forma: diante do paradigma científico vigente, teria restado a Freud apenas o recurso ao mito como única linguagem coerente para suportar os resultados de sua descoberta?

Através desses questionamentos, corremos o risco de cair na redução positivista que exclui do discurso científico quaisquer resultados que não estejam dentro do paradigma da ciência em vigor. Ao indagarmos se algumas das proposições freudianas que dizem respeito à pulsão têm relação com o discurso mítico, não estamos caindo no reducionismo que aponta como mítico tudo o que não é científico. Em nosso questionamento, não colocamos a ciência no lugar da verdade absoluta e, sim, indagamos se o discurso científico à época de Freud tinha suporte para abarcar o que este autor queria dizer.

Aprofundando nossas questões, deparamo-nos com as correspondências de Freud a Einstein, onde o fundador da psicanálise oferece ao físico uma explicação do porquê da guerra. Segundo Freud, a guerra se manifesta devido ao confronto da pulsão de morte com a pulsão de vida, que pode resultar em força de destruição. Em certo momento desta carta, Freud refere-se à teoria das pulsões como uma mitologia, no seguinte comentário:

Talvez o senhor tenha a impressão de que nossas teorias constituem uma espécie de mitologia, e em tal caso nem mesmo uma mitologia alegre. Porém não desemboca toda ciência natural em uma mitologia dessa índole? Aos senhores lhes ocorre de outro modo na física hoje? (FREUD, 1991/1933b, p. 194).

Esse comentário freudiano endossa o questionamento de Prigogine e Stengers sobre as condições do movimento científico em sua época. Uma questão subsequente a essas conclusões pode ser a seguinte: é possível pensar em outro tipo de discurso científico que possa abarcar a descoberta freudiana?

O PERCURSO DA PULSÃO INAUGURA UMA ZONA EPISTEMOLÓGICA PARA SEU ESTUDO?

Dando repercussão à pergunta acima, uma via por onde possivelmente se articula uma resposta seria retomando um lastro que se apresenta determinante ao conceito de “pulsão”, quando ainda em 1985 – no *Projeto para uma psicologia* – Freud a designava de “estímulo endógeno”. Tal correspondência fica ainda mais saliente, a saber que não só em seu sentido geral, mas também especificando-se como “pulsão de morte”, essa

noção começou a ser forjada nas observações em torno à vivência da dor (CAROPRESO; SIMANKE, 2006, p. 221-222).

Tão promissor quanto reconstruir as origens de uma teoria é explorar as oportunidades que surgem com esse trabalho. Neste caso, há de se cogitar um intercâmbio de pressupostos, isto é, o influxo de algumas prerrogativas que se faziam presente numa época, quando nas primeiras elaborações da teoria pulsional.

A reflexão de Luiz Hanns a esse respeito soa bem pertinente. Se Freud se restringisse à “esfera onde a pulsão se manifesta como fenômeno psíquico (isto é, tal qual aparece *para* o sujeito) [...], não teria formulado propriamente uma teoria pulsional, mas uma teoria do mundo mental, dos afetos, dos impulsos, pensamentos (imagens, linguagem e relações)” (HANNNS, 1999, p. 37, grifo do autor). Em consequência, o que Freud “procurava estabelecer [era] uma *correspondência* entre o mundo psíquico (idéias, afetos) e a fisiologia pulsional (os processos neuroanatômicos e energético-econômicos)” (HANNNS, 1999, p. 37, grifo do autor).

A repercussão dessa condição só pode ser abraçada pela hipótese de que Freud (apud HANNNS, 1999, p. 37) jamais renunciou a sua intenção, como enunciada no *Projeto...*, de “representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis”. Freud teria se esbarrado “em dificuldades metodológicas e limites científicos”, donde a razão para “suspender sua pretensão de estabelecer naquele momento as bases de uma fisiologia pulsional” (HANNNS, 1999, p. 37-38). De acordo com Hanns (1999, p. 38), porém Freud “manteve um modelo energético-econômico onde permanece o pressuposto de que há uma inter-relação entre o que ocorre no sistema nervoso e a percepção psíquica”.

Na história de formação da teoria pulsional psicanalítica, está arraigada a tarefa, à qual Freud procurava dar conta, de “estabelecer as bases fisiológicas do psiquismo” (HANNNS, 1999, p. 37). Essa é uma tarefa que se configura não apenas junto aos textos de Freud, mas também – é sempre importante pontuar – nos diferentes campos e dimensões de manifestação do uso do termo *Trieb*, em língua alemã, onde se incluem o paradigma biológico vigente, a investigação neurofisiológica e, enfim, o mundo psíquico (HANNNS, 1999, p. 38). Esse respaldo é estratégico, não só para endossar uma perspectiva, como para nela abrir um horizonte.

Quando apreciava ser “muito oportuno, e potencialmente estimulante, o diálogo entre psicanálise e neurociências a partir de um ponto de vista filosófico” (ARAÚJO, 2009, p. 36), Araújo (2009, p. 35) se referia à concepção de “sonho” desenvolvida por

Freud na obra inaugural da Psicanálise, e nessa seara, alinhava alguns aspectos daquela elaboração ao crescente interesse da filosofia da mente por novas articulações do problema mente-corpo, mente-cérebro e assim por diante. Isso é o que se afigura, acrescentaríamos, de igual modo para o plano teórico da pulsão, notórias como lhe são as seguintes características:

[...] sabemos que Freud procura uma base biológica e materialista para os processos psíquicos e utiliza o ponto de vista tópico, dinâmico e econômico para construir os conceitos metapsicológicos e, especificamente, para o conceito de pulsão, também se utiliza dos pontos de vista biológico e fisiológico (MOUAMMAR, 2013, p. 69).

Ao fazer um movimento de retorno às hipóteses do *Projeto...*, afirmam Caropreso e Simanke (2006, p. 221), certas teses que estavam apenas subentendidas “começariam a retornar à letra da teorização freudiana” acerca da pulsão. Acontece que desse mesmo movimento fazem parte outras condições que não só dele participam, como ainda operam a condição de possibilidade para a sua concretização. Não se pode negar que Freud estivesse atento a elas.

Em que pese os fatores de ordem interna à construção da obra freudiana (CAROPRESO; SIMANKE, 2006, p. 222-223), dentre os quais ocupa posição especial a utilidade de uma hipótese para a escuta, a temporalidade e a intervenção clínicas (HANNIS, 1999, p. 153-187), certificamo-nos literalmente das preocupações de Freud quanto ao panorama científico capaz ou não de assimilar, acolher ou dar suporte, seja a suas observações, seja às ideias que formulava a partir de aludidos fatos. Assim declara Freud (apud MOUAMMAR, 2013, p. 65):

Quanto ao princípio de prazer, não cabe definirmos até que ponto nossa formulação nos aproxima ou filia a algum sistema filosófico já historicamente estabelecido, pois chegamos a essas hipóteses especulativas sobre o prazer e o desprazer por outro caminho: ao tentarmos fazer uma descrição e prestar contas dos fatos cotidianamente observáveis em nosso campo.

Mesmo com as dificuldades impostas ao nível deste objeto específico, a pulsão, talvez Freud não estivesse abdicando de certas constatações clínico-empíricas para simplesmente se lançar inconsequentemente num caminho metafísico-especulativo.

Aparentemente, o que não era considerado fato seguia-se para um registro meramente teórico-especulativo, de função reconhecida, porém secundária. Em todo

caso, não seria esse o palco para se criar algum tipo de antagonismo entre os dados observados e a respectiva explicação deles.

Freud externa sua percepção a respeito de, em que medida, o sistema vigente de saber abarcaria os fenômenos presentes ao campo clínico, sob pena do descredenciamento desses materiais perante a verificabilidade científica, ou sob pena do descredenciamento da ciência perante o campo psicanalítico.

Acreditamos que a questão principal não se ponha nesse nível tão conflitivo. Ademais, “uma das características essenciais do instrumental de escuta freudiano é sua capacidade de operar simultaneamente em múltiplos planos” (HANNIS, 1999, p. 153), diga-se, “essenciais à inserção do conceito de pulsão no arcabouço freudiano” (HANNIS, 1999, p. 156). Por isso suas análises não pendulam apenas entre o consciente e o inconsciente, mas levam também em consideração “o nível econômico, a fisiologia pulsional, [...] as determinações filogenéticas [...], além de determinações anatomo-biológicas e as grandes leis da natureza” (HANNIS, 1999, p. 156).

Essa é uma característica que se reproduz ao longo do eixo onde se fazem valer as teorizações sobre a pulsão, e que bem justifica a sempre vigilante postura de Freud a respeito da cultura e da ciência, em suas realizações, malogros e ilusões.

Desejamos enfim sugerir que a teoria pulsional freudiana reclama por um paradigma científico próprio. E se formos adiante nesta chave de leitura, Freud não aguardava, passivamente, que um paradigma compatível estivesse disponível, mas forjava, na vanguarda, a criação de um.

No conceito de pulsão, como Garcia-Roza permite visualizar, Freud talhou uma interface com várias modalidades. Ele nutria o audacioso projeto de substituir a realidade sobrenatural e metafísica por um conhecimento científico, preciso e minucioso, dos processos psíquicos, um projeto que se alentaria ao sumpto de uma mitologia. Não que isso assinala o fracasso desse árduo intento teórico, ao contrário, realça a natureza do que está em causa, pois a pulsão “nunca se dá por si mesma (nem a nível consciente, nem a nível inconsciente), ela só é conhecida pelos seus representantes: a *idéia* (*Vorstellung*) e o *afeto* (*Affekt*). Além do mais ela é meio física e meio psíquica. Daí seu caráter ‘mitológico’” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 115, grifos do autor).

A razão da pergunta pelo que é científico da teoria pulsional cinge um problema filosófico de se há ou não ciência capaz de fazer da pulsão seu objeto. Qual saber atenderia aos requisitos desse objeto de natureza incomparavelmente singular, ao

mesmo tempo tão escorregadia?

Com essa indagação, não queremos diminuir o valor dos comentários terminológicos que, dentro de uma proposta particular, ensaiam outras diligências necessárias para compreender uma definição melindrosa. O aspecto necessário que enfatizamos é o epistemológico, considerando estar na pauta da Filosofia da Ciência a tratativa de um conceito, nas palavras de Freud (apud GARCIA-ROZA, 2008, p. 118), “situado na fronteira entre o mental e o somático”.

Para Elaine Pinheiro e Regina Herzog (2017, p. 45-46), esse conceito implicou numa ruptura epistemológica da psicanálise com o campo da medicina. O mais interessante, todavia é que esse conceito insere-se numa discussão que não é nova, mas lhe aportava uma densidade que as referências do tempo de Freud não comportavam.

Freud dá um passo a mais e pensará, posteriormente, num corpo pulsional – em oposição a um corpo meramente anatômico –, que depende da relação com o semelhante para se formar. É por conta do outro que nomeia, atende e frustra suas demandas que um sujeito pode advir como tal. Com isso, Freud desfaz a dicotomia que toma mente e corpo como dois lugares separados (PINHEIRO; HERZOG, 2017, p. 46).

Freud desatrela-se da dicotomia, mas não se precipita num reducionismo monista. Rompe com a medicina e seu “discurso soberano sobre os cuidados com o corpo” (PINHEIRO; HERZOG, 2017, p. 45), mas não com a dimensão somática que, amalgamada ao circuito pulsional, é alçada a um novo registro de significação.

Nada disso é empecilho nem torna obsoleto que a Psicanálise, ou tantas linhas de orientação psicanalítica, granjeie novas frentes de investigação. O problema das relações entre o biológico e o psicológico é transversal, gera afinidades e percalços, abre veredas, suscita controvérsias (PINHEIRO; HERZOG, 2017, p. 53-56), favorece os mais diversos arranjos entre psicanálise e neurociências (PINHEIRO; HERZOG, 2017, p. 41-43).

O que se mostra mais instigante é que a questão epistemológica, que atualiza a teoria das pulsões, não é mais colocada no sentido de categorizar uma área de investigação, dizer se é ou não, ou que tipo de ciência seria. As neurociências concretizam uma esperança de Freud em “encontrar marcadores biológicos para processos psíquicos” (PINHEIRO; HERZOG, 2017, p. 56). Mais que isso, sob essa designação é disparada uma série de assimetrias entre o fisiológico e o psíquico (ARAÚJO, 2010, p. 63-68), criando oportunidades que em muito ultrapassam o

esquema do nexos causal (ARAÚJO, 2010, p. 71-74).

Se Freud pode ser condecorado como um precursor da neurociência contemporânea (ARAÚJO, 2010, p. 7-9), é a teoria das pulsões que insere e permite trabalhar, estabelecendo uma zona fronteira, a dor, a frustração, o desejo, a representação, a intencionalidade, o desamparo e a linguagem, para citar alguns elementos.

Parece-nos assim propício remeter para uma cena epistemológica as mesmas palavras que Monzani (apud CAROPRESO; SIMANKE, 2006, p. 219) faz precipitar sobre a hipótese da pulsão de morte. Esta não ganha fisionomia em fenômenos isolados, mas apenas mediante “o arranjo formado por eles e o modo como colaboram na justificação dessa hipótese”. Tal é a pulsão, por cujo conceito advém os requisitos da ciência apta a estudá-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria das pulsões é desenvolvida por Freud no bojo de um constante questionamento epistemológico. Para sua constituição são provenientes elementos de diversas fontes, da filosofia antiga à física moderna, referências cuja ausência comprometeria a apreensão mais integral dessa noção.

Por conta de suas características e das definições que a ela se detém, bem como devido às dificuldades para a sua formulação, quisemos assim mostrar que junto ao conceito de pulsão talhou-se historicamente um lugar mais propício para a sua abordagem, um espaço que hoje se verifica em coordenada transdisciplinar e irreduzível à própria Psicanálise.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Arthur. *Freud e a neurobiologia*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2010. Disponível em: <<http://acervo.sead.ufes.br/arquivos/freud-e-a-neurobiologia.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2020.

_____. “O sonho é a realização de um desejo”: Freud e as neurociências (mente, biologia e evolução). In: MURTA, Claudia (Org.). *Ensaio em Filosofia e Psicanálise*. Vitória: Edufes, 2009. p. 34-63.

ASSOUN, Paul Laurent. *Freud: a filosofia e os filósofos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978 (Episteme).

- _____. *Freud e Wittgenstein*. São Paulo: Campus, 1990.
- BOLLACK, Jean. *Empédocles: introduction à l'ancienne physique*. Paris: Minuit, 1965, v. 1.
- BOUVERESSE QUILLIOT, Renée. Karl Popper et l'irrefutabilité de la psychanalyse. *Apertura*. Paris: Springer-Verlag, 1989, v. 3, p. 149-160.
- BOUVERESSE QUILLIOT, Renée; QUILLIOT, Roland. *Les critiques de la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France, 1991 (Que sais-je?).
- BRUNOLD, Charles. Quand la philosophie des sciences reconte la psychanalyse. Un acte manqué: les fondements de la thermodynamique. *Revue Française de Psychanalyse*, Paris, v. 44, n. 1, p. 127-144, jan./fev. 1980.
- CAROPRESO, Fátima; SIMANKE, Richard Theisen. Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 207-224, dez. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/agora/v9n2/a04v9n2.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982006000200004>.
- EMPÉDOCLES. *Fragmentos*. In: Os Pré-Socráticos. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Os Pensadores).
- FREUD, Sigmund. Proyecto de psicología. In: STRACHEY, James et al. (Orgs.). *Obras completas Sigmund Freud*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992[1895], v. 1, p. 323-446.
- _____. Tres ensayos de teoría sexual. In: STRACHEY, James et al. (Orgs.). *Obras completas Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992[1905], v. 7, p. 109-224.
- _____. Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci. In: STRACHEY, James et al. (Orgs.). *Obras completas Sigmund Freud*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1994[1910], v. 11, p. 53-127.
- _____. Formulaciónes sobre los dos principios del acaecer psíquico. In: STRACHEY, James et al. (Orgs.). *Obras completas Sigmund Freud*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1991[1911], v. 12, p. 217-232.
- _____. Introducción del narcisismo. In: STRACHEY, James et al. (Orgs.). *Obras completas Sigmund Freud*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992[1914], v. 14, p. 65-98.
- _____. Pulsiones y destinos de pulsión. In: STRACHEY, James et al. (Orgs.). *Obras completas Sigmund Freud*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992[1915a], v. 14, p. 105-134.
- _____. La represión. In: STRACHEY, James et al. (Orgs.). *Obras completas Sigmund Freud*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992[1915b], v. 14, p. 135-152.
- _____. Lo inconciente. In: STRACHEY, James et al. (Orgs.). *Obras completas*

Sigmund Freud. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992[1915c], v. 14, p. 153-214.

_____. Conferencias de introducción al psicoanálisis: 28ª conferencia – La terapia analítica. In: STRACHEY, James et al. (Orgs.). *Obras completas Sigmund Freud*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1991[1917], v. 16, p. 408-421.

_____. Más allá del principio de placer. In: STRACHEY, James et al. (Orgs.). *Obras completas Sigmund Freud*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992[1921], v. 18, p. 1-62.

_____. El yo y el ello. In: STRACHEY, James et al. (Orgs.). *Obras completas Sigmund Freud*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992[1923], v. 19, p. 1-66.

_____. El problema económico del masoquismo. In: STRACHEY, James et al. (Orgs.). *Obras completas Sigmund Freud*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992[1924], v. 19, p. 161-176.

_____. La negación. In: STRACHEY, James et al. (Orgs.). *Obras completas Sigmund Freud*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992[1925], v. 19, p. 249-257.

_____. El malestar en la cultura. In: STRACHEY, James et al. (Orgs.). *Obras completas Sigmund Freud*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992[1930], v. 21, p. 57-140.

_____. Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis: 32ª conferencia – Angustia y vida pulsional. In: STRACHEY, James et al. (Orgs.). *Obras completas Sigmund Freud*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1991[1933a], v. 22, p. 75-103.

_____. ¿Por qué la guerra? (Einstein y Freud). In: STRACHEY, James et al. (Orgs.). *Obras completas Sigmund Freud*. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1991[1933b], v. 22, p. 179-198.

GARCIA, Célio. O querer inconsciente: auto-organização ao nível do aparelho psíquico. In: GARCIA, Célio et al. (Orgs.). *Um novo paradigma em Ciências Humanas, Física e Biologia*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1987.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 23. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

HANNS, Luiz Alberto. *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

MOUAMMAR, Christiane Carrijo Eckhardt. A pulsão de morte no *Além do Princípio do Prazer*. In: SIMANKE, Richard Theisen, BOCCA, Francisco Verardi, MURTA, Claudia (Orgs.). *Psicanálise em perspectiva IV*. 4. ed. Curitiba: CRV, 2013. p. 63-80.

PINHEIRO, Elaine; HERZOG, Regina. Psicanálise e neurociências: visões antagônicas ou compatíveis? *Tempo psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 49, n. 1, p. 37-61, jun. 2017. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v49n1/v49n1a03.pdf>>. Acesso em:

27 ago. 2020.

PRIGOGINE, Ilya; STANGERS, Isabelle. *A nova aliança: metamorfose da ciência*. Brasília: UnB, 1984.

SAFOUAN, Moustapha. *O fracasso do princípio de prazer*. Campinas: Papirus, 1988.

SANTOS, José Trindade dos. *Antes de Sócrates: introdução ao estudo da filosofia grega*. São Paulo: Papirus, 1988.

SCHLANGER, Judith. *Les métaphores de l'organisme*. Paris: J. Vrin, 1971.

_____. *Schelling et la réalité finie: essai sur la philosophie da nature et de l'identité*. Paris: Presses Universitaires de France, 1966.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. 2. ed. Porto Alegre: L&P, 1985.

VIDAL, Eduardo. Comentários sobre “Die Verneinung”. *Letra freudiana: escola, psicanálise e transmissão*. Rio de Janeiro: Taurus, 1988, v. 7, n. 5.

Recebido em: 01/09/2020

Aceito para publicação em: 15/09/2020